

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MAIO DE 1864

Nº 5

Teoria da Presciência¹¹

Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem, ainda menos, a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das leis naturais.

Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

11 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo XVI.

Suponhamos um homem colocado no cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em derredor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno, de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajor, que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'água que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em perلustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: “Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.” Estará predizendo o futuro, mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente.

Se, agora, sairmos do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos o mesmo fenômeno produzir-se em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Com relação aos Espíritos inferiores, aqueles são quais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham

presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

Bem se compreende, pois, que, de conformidade com o grau de sua perfeição, possa um Espírito abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos, mesmo de muitos milhares de anos, porquanto, que é um século em face do infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que, nesse período, constituem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir dizer-nos com certeza: Tal coisa acontecerá em tal época, porque essa coisa ele a vê como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque poderia ser prejudicial ao homem o conhecimento do futuro, conhecimento que lhe pearia o livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que lhe cumpre executar a bem do seu progresso. O se lhe conservarem desconhecidos o bem e o mal com que topará constitui para o homem uma prova.

Se tal faculdade, mesmo restrita, se pode contar entre os atributos da criatura, em que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse panorama imenso, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

Entretanto, como o homem tem de concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, em chegando a ocasião. Por isso é que Deus, às vezes, permite se levante uma ponta do véu; mas, sempre com fim útil, nunca para satisfação da vã curiosidade. Tal missão pode, pois,

ser conferida, não a todos os Espíritos, porquanto muitos há que do futuro não conhecem mais do que os homens, porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é de notar-se que as revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos, muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

Pode também semelhante missão ser confiada a certos homens, desta maneira:

Aquele a quem é dado o encargo de revelar uma coisa oculta recebe, à sua revelia e por inspiração dos Espíritos que a conhecem, a revelação dela e a transmite maquinalmente, sem se aperceber do que faz. É sabido, ao demais, que, assim durante o sono, como em estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado, se, sobretudo, houver recebido, como os profetas, uma missão especial para esse efeito, gozará, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os sucessos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar lembrança deles ao despertar. Se os sucessos hajam de permanecer secretos, ele os esquecerá, ou apenas guardará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, bastante para o guiar instintivamente.

É assim que em certas ocasiões essa faculdade se desenvolve providencialmente, na iminência de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas adquire numerosos *videntes*. É ainda por isso que se vêem os grandes capitães avançar resolutamente contra o inimigo, certos da vitória; que homens de gênio, por exemplo, Cristóvão Colombo, caminham para uma meta, anunciando previamente, por assim dizer, o instante em que a alcançarão. É que eles viram essa meta, que, para seus Espíritos, deixou de ser o desconhecido.

Todos os fenômenos cuja causa era ignorada foram tidos à conta de maravilhosos. Uma vez conhecida a lei segundo a qual eles se realizam, eles entraram na ordem das coisas naturais. Nada, pois, tem de sobrenatural o dom da predição, mais do que uma imensidade de outros fenômenos. Ele se funda nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível, que o Espiritismo veio dar a conhecer. Mas, como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se não se admitir a sua individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se o é com a lei natural.

A teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental. Se não explica tudo, é pela dificuldade, para o homem, de colocar-se nesse ponto de vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento, incessantemente arrastado para o atalho da vida material, muitas vezes é impotente para se destacar do solo. A esse respeito, certos homens são como filhotes de aves, cujas asas, demasiado fracas, não lhes permitem elevar-se no ar, ou como aqueles cuja vista é muito curta para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem falta um sentido para certas percepções. Entretanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, lá chegaram: os espíritas, mais facilmente que os outros, podem identificar-se com a vida espiritual, que compreendem.

Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para delas fazermos idéia tão clara como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos em verdade um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta um que lhe faculte compreender os efeitos da luz, das cores e da vista, sem o contato. Daí se segue que somente por esforço da imaginação e por meio de comparações com coisas materiais que nos sejam familiares chegamos a consegui-lo. As coisas materiais, porém, não

nos podem dar das coisas espirituais senão idéias muito imperfeitas, razão por que não se devem tomar ao pé da letra essas comparações e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal faculdade lhes é inerente ao estado de espiritualização, ou, se o preferirem, de desmaterialização. Quer isto dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, se bem muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto que tem o homem colocado sobre a montanha. Esta comparação objetivava simplesmente mostrar que acontecimentos pertencentes ainda, para uns, ao futuro, estão, para outros, no presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza de igual maneira.

Portanto, para gozar dessa percepção, não precisa o Espírito transportar-se a um ponto qualquer do espaço. Pode possuí-la em toda a sua plenitude aquele que na Terra se acha ao nosso lado, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós nada vemos além do nosso horizonte visual. Não se operando a visão, nos Espíritos, do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, muito diverso é o horizonte visual dos primeiros. Ora, é precisamente esse o sentido que nos falece para o concebermos. O Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado do cego.

Devemos, além disso, ponderar que essa percepção não se limita ao que diz respeito à extensão; que ela abrange a penetração de todas as coisas. É, repetimo-lo, uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece-a*, sem, contudo, a anular completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, em razão do adiantamento de seu Espírito,

embora sempre em grau menor do que quando se acha completamente desprendido; é o que confere a certos homens um poder de penetração que a outros falece inteiramente; maior grandeza de visão moral; compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de Espírito livre e essa lembrança é como um quadro que se lhe desenha na mente. Na encarnação, ele vê, mas vagamente, como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. O princípio da visão não lhe é exterior, está nele; essa a razão por que não precisa da luz exterior. Por efeito do desenvolvimento moral alarga-se o círculo das idéias e da concepção; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil compreender-se que a ampliação de todas as faculdades acompanha o progresso do Espírito.

O grau da extensão das faculdades do Espírito é que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Essa aptidão, todavia, não é corolário forçoso do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a dá, tanto assim que há homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais, quanto outros o são para as coisas materiais; são-lhe refratários, porque não as compreendem, o que significa que *ainda* não progrediram em tal sentido, ao passo que outros, de instrução e inteligência vulgares, as apreendem com a maior facilidade, o que prova que já tinham de tais coisas uma intuição prévia.

A faculdade de mudar de ponto de vista e de olhar do alto não só dá a solução do problema da presciência; é, além disso, a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque daí a vida terrena, aparecendo como um ponto na imensidade, compreende-se o

pouco valor das coisas que, vistas debaixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desdobra o imenso e esplêndido horizonte do futuro. O que assim vê as coisas deste mundo, pouco ou nada é atingido pelas vicissitudes e, por isto mesmo, é tão feliz quanto o pode ser na Terra. É, pois, de lamentar-se os que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem, em toda a sua força, o contragolpe de todas as tribulações que, como tantos agulhões, os ferem incessantemente.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, a despeito dos obstáculos que lhe criem. Fácil lhes é essa previsão, primeiramente, porque a sua propagação é obra pessoal deles: concorrendo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração: vêem, nesse período, ao longo do caminho, os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a manifestar-se.

Transportem-se os espíritas, embora sem serem Espíritos desencarnados, a trinta anos apenas para diante, ao seio da geração que surge; daí considerem o que se passa hoje com o Espiritismo; acompanhem-lhe a marcha progressiva e verão consumir-se em vãos esforços os que se crêem destinados a derrocá-lo. Verão que esses tais pouco a pouco desaparecem de cena e que, paralelamente, a árvore cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

Completaremos este estudo pelas referências que existem entre a presciência e a fatalidade. Enquanto isto, remetemos os leitores ao que, sobre o último ponto, foi dito em *O Livro dos Espíritos*, nº 851 e seguintes.

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

Esta obra é hoje muito conhecida para que haja necessidade de fazer-lhe uma análise. Limitar-nos-emos, pois, a examinar o ponto de vista em que se colocou o autor e daí deduzir algumas conseqüências.

A comovente dedicatória à alma de sua irmã, que o Sr. Renan põe no topo do volume, apesar de muito curta é, em nossa opinião um trecho capital, pois é toda uma profissão de fé. Citamo-la integralmente, porque nos ensinará algumas observações importantes e de interesse geral.

À ALMA PURA DE MINHA IRMÃ HENRIETTE

Morta em Biblos, em 24 de setembro de 1861

“Lembras-te, do seio de Deus onde repousas, daqueles longos dias de Ghazir, onde, a sós contigo, eu escrevia essas páginas inspiradas pelos lugares que acabávamos de percorrer? Silenciosa a meu lado, relias cada folha e a recopiavas tão logo escrita, enquanto o mar, os vilarejos, as ravinas e montanhas se desdobravam aos nossos pés. Quando a luz sufocante abria espaço ao inumerável exército das estrelas, tuas perguntas finas e delicadas, tuas dúvidas discretas me reconduziam ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Um dia me dizias que amarias este livro, primeiro porque tinha sido feito contigo, depois porque te agradava. Se, por vezes, temias para ele os mesquinhos julgamentos do homem frívolo, sempre estiveste convencida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam se agradando dele. Em meio a essas doces meditações, a morte nos feriu a ambos com sua asa; o sono da febre nos tomou à mesma hora; despertei só!... Agora dormes na terra de Adônis, junto da santa Biblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó bom gênio, a mim que amavas, essas verdades que dominam a morte, impedindo temê-la e quase a fazendo amar.”

A menos que se suponha tenha o Sr. Renan representado uma comédia indigna, é impossível que tais palavras procedam da pena de um homem que crê no nada. Sem dúvida vêem-se escritores de talento maleável, jogar com as idéias e com as crenças mais contraditórias, a ponto de iludir os seus próprios sentimentos. É que, assim como o ator, possuem a arte da imitação. Para eles uma idéia não precisa ser artigo de fé; é um tema sobre o qual trabalham, por pouco que se preste à imaginação, e que ora adaptam de um modo, ora de outro, conforme o exijam as circunstâncias. Mas há assuntos aos quais o mais endurecido incrédulo não poderia tocar sem cometer uma profanação: tal é o da dedicatória do Sr. Renan. Em caso semelhante, um homem de coração preferirá abster-se a falar contra a sua convicção; estes não são daqueles assuntos que se escolhem para causar forte impressão.

Tomando as formas dessa dedicatória como expressão conscienciosa do pensamento do autor, aí se encontra mais que uma vaga idéia espiritualista. Com efeito, não é a alma perdida nas profundezas do espaço, absorvida em eterna e beatífica contemplação, ou em dores sem-fim; também não é a alma do panteísta, aniquilando-se no oceano da inteligência universal: é o quadro da alma individual, com a lembrança de suas afeições e ocupações terrenas, voltando aos lugares que habitou, junto às pessoas amadas. O Sr. Renan não falaria assim a um mito, a um ser abismado no nada. Para ele, a alma de sua irmã está ao seu lado; ela o vê, o inspira, interessa-se por seus trabalhos; há entre ambos permuta de pensamentos, comunicação espiritual; sem o suspeitar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. Que falta a essa crença para ser completamente espírita? A comunicação material. Por que, então, o Sr. Renan a repele, qualificando-a entre as crenças supersticiosas? Porque não admite o sobrenatural, nem o maravilhoso. Mas se reconhecesse o estado real da alma depois da morte, as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não escapa das leis naturais, e que para isto não é necessário recorrer ao

maravilhoso; que, desde que o fenômeno deve ter-se produzido em todos os tempos e em todos os povos, tem sido fonte de uma imensidão de fatos erroneamente qualificados por uns de sobrenaturais e por outros atribuídos à imaginação; que a ninguém é dado o poder de impedir tais manifestações e que, em certos casos, é possível provocá-las.

Que faz, então, o Espiritismo, senão nos revelar uma nova lei da Natureza? Ele faz, em relação a uma certa ordem de fenômenos, o que, para outros, fez a descoberta das leis da eletricidade, da gravitação, da afinidade molecular, etc. Então a Ciência teria a pretensão de haver dito a última palavra da Natureza? Haveria algo mais surpreendente, mais maravilhoso em aparência do que se corresponder em alguns minutos com uma pessoa que se encontra a quinhentas léguas de distância? Antes do conhecimento da lei da eletricidade, tal fato teria passado por magia, feitiçaria, diabrura ou milagre. Sem dúvida nenhuma, mesmo um sábio, a quem houvessem contado o fato, o teria repellido e não lhe faltariam excelentes razões para demonstrar que era materialmente impossível. Impossível, talvez, conforme as leis então conhecidas, mas muito possível, segundo uma lei que não era conhecida. Por que, então, haveria mais possibilidade de comunicação instantânea com um ser vivo, cujo corpo está a quinhentas léguas, do que com a alma desse mesmo ser, que está ao nosso lado? É, dizem, porque não tem mais corpo. E quem vos diz que não o tem? É precisamente o contrário que o Espiritismo vem provar, demonstrando que se sua alma não tem mais o envoltório material, compacto, ponderável, tem um fluídico, imponderável, mas que não deixa de ser uma espécie de matéria; que esse envoltório, invisível em seu estado normal, em certas circunstâncias e por uma espécie de modificação molecular, pode tornar-se visível, como o vapor, pela condensação. Como se vê, isto não passa de um fenômeno muito natural, cuja chave dá o Espiritismo, pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Persuadido de que a alma de sua irmã, ou o seu Espírito, o que dá no mesmo, estava junto dele, o Sr. Renan a via e escutava, e deveria crer que essa alma fosse alguma coisa. Se alguém tivesse vindo dizer-lhe: Essa alma, cuja presença o vosso pensamento adivinha, não é um ser vago e indefinido; é um ser limitado e circunscrito por um corpo fluídico, invisível como a maioria dos fluidos; para ela a morte não passou da destruição de seu envoltório corporal, mas conservou o seu invólucro etéreo, indestrutível, de sorte que tendes ao vosso lado a vossa irmã, tal como era em vida, menos o corpo que deixou na Terra, como a borboleta deixa a sua crisálida; morrendo, apenas se despojou da vestimenta grosseira, que não mais lhe podia servir, que a retinha à superfície do solo, mas conservou a roupagem leve, que lhe permite transportar-se para onde queira, transpor o espaço com a rapidez do relâmpago; quanto ao aspecto moral, é a mesma pessoa, com os mesmos pensamentos, as mesmas afeições, a mesma inteligência, porém com percepções novas, mais vastas, mais sutis, uma vez que suas faculdades não mais são comprimidas pela matéria pesada e compacta, através da qual elas deviam transmitir-se. Dizei se este quadro tem algo de irracional. Provando que ele é real, o Espiritismo é assim tão ridículo quanto alguns o pretendem? Em última análise, que faz ele? Demonstra de maneira patente a existência da alma; provando que esta é um ser definido, dá um objetivo real às nossas lembranças e afeições. Se o pensamento do Sr. Renan não passava de um sonho, de uma ficção poética, o Espiritismo vem transformar essa ficção em realidade.

Em todos os tempos a filosofia é ligada à procura da alma, sua natureza, suas faculdades, sua origem e seu destino. Inúmeras teorias foram feitas a propósito, e a questão sempre ficou na incerteza. Por quê? Aparentemente porque nenhuma encontrou o nó do problema e não o resolveu de maneira bastante satisfatória para convencer a todos. O Espiritismo vem, por sua vez, dar a sua teoria. Apóia-se na psicologia experimental; estuda a alma, não só durante a vida, mas após a morte; observa-a em estado de

isolamento; ele a vê agir em liberdade, enquanto a filosofia ordinária só a vê em sua união com o corpo, submetida aos entraves da matéria, razão por que muitas vezes confunde a causa com o efeito. A filosofia se esforça por demonstrar a existência e os atributos da alma por fórmulas abstratas, ininteligíveis para as massas; o Espiritismo lhe dá provas palpáveis e, a bem dizer, a faz tocar com o dedo e a ver, exprimindo-se em termos claros, ao alcance de toda gente. A simplicidade de linguagem lhe tiraria o caráter filosófico, como o pretendem certos sábios?

A despeito disto, aos olhos de muita gente a filosofia espírita contém um erro grave, e tal erro se encerra numa única palavra. A palavra *alma*, mesmo para os incrédulos, tem algo de respeitável e imponente. Ao contrário, a palavra *Espírito* neles desperta idéias fantásticas de lendas, contos de fadas, fogos-fátuos, bichos-papões, etc. Admitem naturalmente que se possa crer na alma, embora eles mesmos não creiam, mas não podem compreender que, sensatamente, se possa acreditar nos Espíritos. Daí uma prevenção que os faz encarar esta ciência como pueril e indigna de sua atenção; julgando-a pela etiqueta, crêem-na inseparável da magia e da feitiçaria. Se o Espiritismo se tivesse abstido de pronunciar a palavra *Espírito* e se, em todas as circunstâncias a tivesse substituído pela palavra *alma*, a impressão para eles teria sido completamente outra. Com todo o rigor, esses profundos filósofos, esses livres-pensadores admitem que a *alma* de um ser que nos foi caro ouça os nossos lamentos e nos venha inspirar, mas não admitirão que o mesmo se dê com seu *Espírito*. O Sr. Renan pôde colocar no topo de sua dedicatória: *À alma pura de minha irmã Henriette*; não teria posto: *Ao Espírito puro*.

Por que, então, o Espiritismo se serviu da palavra *Espírito*? É um erro? Não, ao contrário. Primeiro porque, desde as primeiras manifestações e antes da criação da filosofia espírita, essa palavra já era usada; desde que se tratava de deduzir as

conseqüências morais dessas manifestações, havia utilidade em conservar uma denominação consagrada pelo uso, a fim de mostrar a conexão dessas duas partes da ciência. Além disso, era evidente que a prevenção ligada a essa palavra, circunscrita a uma categoria especial de pessoas, devia apagar-se com o tempo. O inconveniente era apenas momentâneo.

Em segundo lugar, se para certas pessoas o vocábulo *Espírito* era um palavrão, para as massas era um atrativo e deveria contribuir mais que o outro para popularizar a doutrina. Assim, pois, era preferível o maior número ao menor.

Um terceiro motivo é mais sério que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito*, embora sinônimas e empregadas indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma* é, a bem dizer, o princípio inteligente, inatingível e indefinido como o pensamento. No estado dos nossos conhecimentos, não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. O perispírito, não obstante formado de matéria sutil, dele faz um ser limitado, definido e circunscrito à sua individualidade espiritual, donde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado ESPÍRITO.* Nas manifestações, pois, não é só a alma que se apresenta; está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o intermediário necessário, através do qual ela age sobre a matéria compacta. Nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que quando se vê um homem vê-se o seu corpo, e não o pensamento, a força, o princípio que o faz agir.

Em resumo, a *alma* é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o ser duplo; o *homem* é o ser triplo. Se se confundir o homem com suas roupas, teremos um ser quádruplo. Nas circunstâncias de que se trata, a palavra *Espírito* é a que melhor corresponde à coisa

expressa. Pelo pensamento representa-se um Espírito, mas não se representa uma alma.

Convencido de que a alma de sua irmã o via e o entendia, o Sr. Renan não podia supor que ela estivesse só no espaço. Uma simples reflexão deveria dizer-lhe que deve ocorrer o mesmo com todas as que deixam a Terra. As almas ou Espíritos assim espalhados na imensidade constituem o mundo invisível que nos cerca e em cujo meio vivemos, de sorte que esse mundo não é composto de seres fantásticos, de gnomos, de duendes, de demônios monstruosos, mas dos mesmos seres que formaram a Humanidade terrestre. Que há nisso de absurdo? O mundo visível e o mundo invisível assim se acham em perpétuo contato, daí resultando uma incessante reação de um sobre o outro; daí uma imensidade de fenômenos que entram na ordem dos fatos naturais. O Espiritismo moderno não os descobriu, nem os inventou; ele os estudou melhor e melhor os observou; procurou as suas leis e, por isso mesmo, as suprimiu da ordem dos fatos maravilhosos.

Os fatos que se prendem ao mundo invisível e às suas relações com o mundo visível, mais ou menos observados em todas as épocas, ligam-se à história de quase todos os povos e, sobretudo, à história religiosa. Eis por que em muitas passagens, escritores sacros e profanos fazem alusão a eles. É por falta de conhecimento dessas relações que tantas passagens ficaram ininteligíveis e foram interpretadas tão diversamente e tão falsamente.

É por esta mesma razão que o Sr. Renan equivocou-se tão singularmente quanto à natureza dos fatos relatados no Evangelho, quanto ao sentido das palavras do Cristo, seu papel e seu verdadeiro caráter, como o demonstraremos num próximo artigo. Estas reflexões, a que nos conduziram o seu preâmbulo, eram necessárias para apreciar as conseqüências por ele tiradas do ponto de vista em que se colocou.

Sociedade Espírita de Paris

DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL –
1º DE ABRIL DE 1864

Senhores e caros colegas,

A Sociedade começa seu sétimo ano, o que é muito significativo em se tratando de uma ciência nova. Um fato de não menor importância é que ela seguiu constantemente uma marcha ascendente. Contudo, senhores, sabeis que é menos no sentido material que no sentido moral que se realiza o seu progresso. Não somente ela não abriu suas portas ao primeiro a chegar, como não solicitou que dela fizesse parte quem quer que fosse, antes visando circunscrever-se do que se expandir indefinidamente.

Com efeito, o número de membros ativos é uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar. Como não *busca subscriptores*, não se prende à quantidade. Assim o exige a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais são necessários a calma e o recolhimento, e não o alvoroço da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade, não está, pois, nem na cifra de seu pessoal, nem no montante de sua reserva bancária; está inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora, enfim no número de adeptos que aderem aos princípios que ela professa, sem que, por isso, dela participem. A esse respeito, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões e, coisa notável! não é somente na França que ela exerce tal ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros espíritas, todos os homens são irmãos, seja qual for a nação a que pertençam. Tendes a prova material disto no número de sociedades e grupos que, de diversos países, vêm colocar-se sob o seu patrocínio e lhe pedir conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz

espontaneamente, pois não é menos notório que ela nem o provocou, nem o solicitou. É, pois, voluntariamente, que vêm colocar-se sob a bandeira que ela hasteou. A que se deve tudo isto? Suas causas são múltiplas; não é inútil examiná-las, porque isto entra na história do Espiritismo.

Uma das causas vem, naturalmente, do fato de que, sendo a primeira regularmente constituída, também foi a primeira a ampliar o círculo de seus estudos e a abraçar todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo mal saía do período da curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico que, de certo modo, inaugurou. Por isso mesmo, logo centralizou a atenção da gente séria.

Mas isto para nada teria servido, se ela tivesse ficado alheia aos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se apenas tivesse professado suas próprias idéias, jamais se teria imposto à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Sendo esses princípios ensinados em toda parte, muito naturalmente se vincularam ao centro de onde aqueles partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora deste centro ficaram isolados, por não terem encontrado eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse alhures, porque nunca seria demais repetir: A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem, nem na de um Espírito; está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o *controle universal*, como o *sufrágio universal*, resolverá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina muito melhor do que um concílio de homens. Ficai certos, senhores, de que este princípio fará o seu caminho, como o *Fora da caridade não há salvação*, porque baseado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Não contrariará senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais.

É por jamais se ter afastado dessa via traçada pela sã razão que a Sociedade de Paris conquistou o lugar que ocupa. Confiam nela, porque sabem que nada avança levemente, não impõe suas próprias idéias e, por sua posição, mais que ninguém, está habilitada a constatar o sentido em que se pronuncia aquilo que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos*. Se alguma vez ela se colocasse ao lado da maioria, deixaria forçosamente de ser o ponto de ligação. O Espiritismo não cairia *porque tem seu ponto de apoio em toda parte*, mas a Sociedade cairia, se não tivesse o seu *por toda parte*. Com efeito, e por sua natureza excepcional, o Espiritismo também não repousa *numa sociedade*, como não se assenta num indivíduo; a de Paris jamais disse: *Fora de mim não há Espiritismo*; assim, se ela deixasse de existir, nem por isto o Espiritismo desviar-se-ia de seu curso, porque tem suas raízes na inumerável multidão de intérpretes dos Espíritos no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que ela é estimada e considerada, o que certamente é motivo para nos congratularmos. Se a causa primeira está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que o deve também ao bom conceito que de suas sessões levaram os numerosos estrangeiros que a visitaram; a ordem, a postura, a gravidade, os sentimentos de fraternidade que viram aí reinar os convenceram, mais que todas as palavras, de seu caráter eminentemente sério.

Tal é, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, eu tive que lhe assegurar; tal é, também, a razão pela qual jamais cedi a qualquer incitamento tendente a desviá-la do caminho da prudência. Deixei que dissessem e fizessem os impacientes de boa ou de má-fé; sabeis no que eles se tornaram, ao passo que a Sociedade ainda está de pé.

A missão da Sociedade não é fazer proselitismo, razão por que jamais convoca o público. O objetivo de seus trabalhos, como o indica seu título, é o progresso da ciência espírita. Para isto aproveita não só suas próprias observações, mas as feitas alhures; recolhe os documentos que lhe chegam de todas as partes; estuda-os, investiga-os e os compara, para lhes deduzir os princípios e tirar as instruções que espalha, mas não o faz irrefletidamente. É assim que seus trabalhos a todos aproveitam e, se conquistaram certa autoridade, é porque sabem que são feitos conscienciosamente, sem prevenção sistemática contra pessoas ou coisas.

Compreende-se, pois, que para atingir tal objetivo, é indiferente um número de membros mais ou menos considerável. O resultado seria obtido tão bem ou, melhor ainda, com uma dúzia do que com algumas centenas. Não visando a nenhum interesse material, não há por que buscar o número; sendo seu objetivo grave e sério, nada faz tendo em vista a curiosidade; enfim, como os elementos da ciência nada lhe ensinariam de novo, não perde tempo em repetir o que já sabe. Como dissemos, seu papel é trabalhar pelo progresso da ciência pelo estudo; não é junto dela que os que nada sabem vêm convencer-se, mas que os adeptos já iniciados vêm colher novas instruções; tal é o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são relações extensas, que lhe permitam ver do alto o movimento geral, para julgar do conjunto, a este se conformar e o dar a conhecer. Ora, ela possui tais relações, que vieram por si mesmas e aumentam diariamente, e tendes a prova disto pela correspondência.

O número de reuniões que se formam sob os seus auspícios e solicitam o seu patrocínio, pelos motivos expostos acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de passar. Este fato não só é muito honroso para a Sociedade como tem uma importância capital, pois testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a estabelecer-se a unidade.

Os que nos conhecem sabem a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as sociedades estrangeiras, mas é essencial que todo o mundo o saiba, para evitar os equívocos a que as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Assim, não é supérfluo repetir: Que os espíritas não formam entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as diversas sociedades não há nem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva; que não obedecem a nenhuma palavra de ordem secreta; que os que delas fazem parte são sempre livres para se retirarem, quando isto lhes convém; que se elas não abrem suas portas ao público, não é porque aí se passe algo de misterioso ou de oculto, mas porque não querem ser perturbadas pelos curiosos e importunos; longe de agir na sombra, ao contrário estão sempre prontas a submeter-se às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes forem impostas. A de Paris tem, sobre as outras, apenas autoridade moral, que conquistou por sua posição e por seus estudos e porque houveram por bem lha conferir. Dá os conselhos que exigem de sua experiência, mas não se impõe a nenhuma. A única palavra de ordem que dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros espíritas, é este: *Caridade para com todos, mesmo pelos nossos inimigos*. Declinaria, pois, de toda solidariedade moral com as que se afastassem deste princípio, que tivessem por móvel o interesse material, que, em vez de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque, por isso mesmo, elas se colocariam fora da doutrina.

A Sociedade de Paris não pode assumir a responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou por outras causas, possam fazer do Espiritismo; ela não pretende, de forma alguma, cobrir com o seu manto os que os cometem; não pode nem deve tomar-lhes a defesa perante a autoridade, em caso de perseguição, porque seria aceitar o que a doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a tais abusos, nada temos a refutar, mas apenas respondemos: “Se vos désseis ao trabalho de estudar o

Espiritismo, saberíeis o que ele diz e não o acusaríeis daquilo que ele condena.” Assim, cabe aos espíritas sinceros evitar cuidadosamente tudo quanto possa dar lugar a uma crítica fundada; e certamente o conseguirão, se se aterem aos preceitos da doutrina. Não é porque uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que, necessariamente deve ter a nossa simpatia; a etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria. Mas, segundo a máxima: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto”, nós a apreciamos em razão dos sentimentos que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras.

A Sociedade de Paris se congratula quando pode inscrever, na lista de seus aderentes, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, boas maneiras, sinceridade, devotamento e abnegação pessoal e os pode oferecer como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral e ela jamais ambicionou outra. Aqueles nossos antagonistas que pretendem que todos os espíritas são tributários; que ela se enriquece à sua custa, extorquindo-lhes dinheiro em seu proveito; que calculam seu lucro pelo número de adeptos, ou dão provas de má-fé ou da mais absoluta ignorância daquilo de que falam. Sem dúvida ela tem por si a consciência, mas tem a mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre a verdade, assim no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde convergem ensinamentos de toda natureza concernentes ao Espiritismo. Sob esse aspecto, ela se acha numa posição que poderíamos dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor que ninguém, pode ela, pois, conhecer o estado real do progresso da doutrina em cada país e apreciar as causas locais que possam favorecê-la ou retardar o seu desenvolvimento.

Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos da história do Espiritismo, permitindo, ao mesmo tempo, que se estudem as manobras de seus adversários e se calculem a extensão dos golpes desferidos para o derrubar. Bastaria esta observação para permitir prever o resultado definitivo e inevitável da luta, como se julga o desfecho de uma batalha pelo movimento dos dois exércitos.

A propósito, pode dizer-se com inteira verdade que estamos na primeira linha para observar, não só a tática dos homens, mas, também, a dos Espíritos. Com efeito, vemos da parte destes uma unidade de vistas e de plano sábia e providencialmente combinada, diante da qual devem quebrar-se, forçosamente, todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e os ferir, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a partida é desigual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa realmente curiosa, porque será a da luta entre o mundo visível e o mundo invisível. Os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses*. Será também a luta dos fatos, mas, sobretudo e forçosamente, a dos homens que neles tiverem representado um papel ativo, num como noutro sentido, de verdadeiros sustentáculos, como adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que, em vez de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos fora do tempo, com fé na tradição e na lenda, ela se faz à medida que os eventos acontecem, baseando-se em dados autênticos, o mais vasto e completo arquivo existente no mundo, que possuímos, proveniente de correspondência incessante, vinda de todos os países onde se implanta a doutrina.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com o auxílio das quais procuram deturpá-lo; contudo, poderiam dar falsa idéia de seus primórdios e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nele tiverem cooperado, se não se desse a contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que dissipará todas as dúvidas, a mina onde os comentadores futuros poderão colher com certeza. Como vedes, senhores, esse trabalho é de grande importância no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nele está interessada, em razão da parte que ocupa no movimento.

Há um provérbio que diz: “A nobreza obriga.” A posição da Sociedade lhe impõe obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é não se afastar, quanto à teoria, da linha seguida até hoje, pois já recolhe seus frutos; a segunda está no bom exemplo que deve dar, justificando, pela prática, a excelência da doutrina que professa. Sabe-se que este exemplo, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda e, ao mesmo tempo, o melhor meio de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que da doutrina só conhece a filosofia, dizia que *com tais princípios o espírita necessariamente deveria ser um homem de bem*. Estas palavras são profundamente verdadeiras; mas, para serem completas, é preciso acrescentar que o verdadeiro espírita deve ser, necessariamente, bom e benevolente para com os seus semelhantes, isto é, praticar a caridade evangélica em sua mais vasta acepção.

É a graça que todos devemos pedir que Deus nos conceda, tornando-nos dóceis aos conselhos dos Espíritos bons que nos assistem. Peçamos igualmente a estes que continuem a nos proteger durante o ano que se inicia e que nos dêem a força de nos tornarmos dignos deles. É o meio mais seguro de justificar e conservar a posição que a Sociedade conquistou.

A Escola Espírita Americana

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

Como se sabe, as manifestações ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje, que nos damos conta da coisa, lembramos uma porção de fatos que tinham passado despercebidos, muitos dos quais consignados em escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos eles se produziram nos Estados Unidos numa escala bastante ampla para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das idéias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinos.

Ora, acontece muitas vezes que uma idéia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. Sob esse aspecto, o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental ocupava seu espaço na América, enquanto a teoria e a filosofia encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá que nasceu, conquistando, em poucos anos, o primeiro lugar. Ali os fatos inicialmente despertaram a curiosidade; porém, uma vez constatados e satisfeita a curiosidade, logo se cansaram das experiências materiais sem resultados positivos. Já o mesmo não ocorreu desde que se desdobraram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade. A partir daí o Espiritismo tomou posição entre as ciências filosóficas; marchou a passos de gigante, a despeito dos obstáculos que lhe foram suscitados, porque satisfazia

às aspirações das massas, porque prontamente compreenderam que vinha preencher um imenso vazio nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Isto é motivo para a América ficar enciumada? Não, porque noutros pontos ela levou vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor surgiram? e não foi na América que encontraram a sua aplicação prática? A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que particularmente distingue a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o princípio, um conjunto completo, mostrando o objetivo e ampliando o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que hoje prevalece no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos pouco se afastaram de suas idéias primitivas; significará isto que, isolados, ficarão na retaguarda do movimento geral? Seria injuriar a inteligência desse povo. Aliás, os Espíritos lá estão para o impelir na via comum, ensinando ali o que ensinam alhures; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os americanos repelisses a teoria européia, porque vem da Europa, aceitá-la-ão quando surgir em seu meio, pela própria voz dos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas ao controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, como o demonstramos em nosso artigo sobre a *autoridade da doutrina espírita*; é apenas uma questão de tempo, principalmente quando houverem desaparecido as questões pessoais.

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se

exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos as razões disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as idéias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a idéa da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas, obtidas naquele país, nas quais, sem estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a consequência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a idéa. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte.

Como prova do que avançamos, citaremos o artigo seguinte, publicado no jornal *União*, de *San Francisco*, e um extrato da carta que o acompanhou.

“Senhor Allan Kardec,

“Embora não tenha a honra de ser vossa conhecida, tomo, como médium, a liberdade de vos enviar a notícia anexa, que esses senhores do jornal resumiram um pouco. Contudo, tal como está, muitas pessoas parecem desejar mais. Assim, todos os vossos livros se espalham e logo nossos livreiros terão de fazer novos pedidos...

“Recebei, etc.”

Pauline Boulay

NOTÍCIA SOBRE O ESPIRITISMO

“Basta exprimir em voz alta idéias que nem todos compreendem para se ser tachado de exaltado, extravagante e louco. Não é preciso ser uma literata para escrever o que nos ditam a alma e o coração.

“Um espírito forte dizia a uma senhora médium: – Como vós, que sois inteligente, podeis acreditar em Espíritos invisíveis e na pluralidade das existências? – Respondeu a dama: Talvez porque eu seja inteligente é que creio nisto; o que sinto me inspira mais confiança do que o que vejo, uma vez que o que vemos nos engana algumas vezes; o que sentimos jamais nos engana. Sois livre para não acreditar. Os que crêem na pluralidade das existências não são maus e são mais desinteressados que os que não crêem; os incrédulos os tratam de loucos, mas isto não prova que digam a verdade; ao contrário. Duvidar do poder de Deus é ofendê-lo; negar o que existe além do que podemos apalpar é um ultraje dirigido ao Criador.

“Temos o hábito, quando nos acontece algo de extraordinário, a atribuí-lo ao acaso. Pergunto: o que é o acaso? O nada, responde a voz da verdade. Ora, não podendo o nada

produzir algo, o que existe nos vem de uma fonte produtiva. Seria muito justo pensar que o que acontece independentemente de nossa vontade é obra da Providência, dirigida pelo Senhor de nossos destinos.

“Seja o que disserdes, seja o que façais, espíritos fortes, jamais destruireis esta doutrina, que sempre existiu. Como a ignorância das almas primitivas não lhes permite compreendê-la em toda a sua extensão, imaginam que depois desta vida tudo está acabado. É um erro! Nós, médiuns, mais ou menos adiantados, acabaremos por vos convencer.

“Não só o Espiritismo é uma consolação, mas ainda desenvolve a inteligência, destrói todo pensamento de egoísmo, de orgulho e de avareza, põe-nos em comunicação com os que nos são caros e prepara o progresso, progresso imenso que, insensivelmente, destruirá todos os abusos, as revoluções e as guerras.

“A alma tem necessidade de reencarnar para se aperfeiçoar; numa única vida material não pode aprender tudo quanto deve saber para compreender a obra do Todo-Poderoso. O corpo não passa de um envoltório passageiro, no qual Deus envia uma alma para se aperfeiçoar e sofrer as provas necessárias ao seu adiantamento e à realização da grande obra do Criador, a que somos chamados a servir, quando tivermos sofrido nossas provas e adquirido todas as perfeições. Todas as nossas celebridades contemporâneas são outras tantas almas que progrediram pela renovação das encarnações; muitas dentre elas são médiuns escreventes, gênios que trazem, em cada existência nova, os progressos da ciência e das artes.

“A lista dos homens de gênio aumenta todos os anos. São outros tantos guias que Deus coloca em nosso meio para nos esclarecer, nos instruir, numa palavra, nos ensinar o que ignoramos e que é absolutamente necessário que saibamos; eles nos mostram

a chaga social, procuram destruir os preconceitos, põem à luz e aos nossos olhos todo o mal produzido pelo egoísmo e pela ignorância. Esses gênios são animados por Espíritos superiores; fizeram mais pelo progresso e pela civilização que toda a vossa pirotecnia, e fazem derramar mais lágrimas de ternura e de reconhecimento que todos os vossos feitos de armas.

“Refleti, pois, seriamente no Espiritismo, homens inteligentes, pois nele encontrareis grandes ensinamentos. Não há charlatanismo nesta lei divina: tudo aí é belo, grande, sublime; ela apenas tende a conduzir-nos à perfeição e à verdadeira felicidade moral.

“O livro escrito pelos médiuns, ditado por Espíritos superiores e errantes, é um livro de alta filosofia e de uma instrução tão profunda quanto etérea; trata de tudo. É verdade que nem todos estão ainda preparados para esta crença e, para compreendê-la, é necessário que a alma já tenha reencarnado várias vezes.

“Quando todo o mundo compreender o Espiritismo, nossos grandes poetas serão mais apreciados e lidos com atenção e respeito. Todos os nossos literatos serão compreendidos por todos os povos e admirados sem inveja, porque serão conhecidas as causas e os efeitos.

“O estudo da Ciência é a mais nobre das ocupações; o Espiritismo é a sua divindade. Por ele associamo-nos ao gênio e, como disse um dos nossos cientistas, depois do homem de gênio vem o que sabe compreendê-lo.

A instrução faz do Espírito o que um hábil joalheiro faz da pedra bruta: dá-lhe o polimento, o brilho que encanta e seduz, realçando-lhe o valor.

A alma não tem forma propriamente dita; é uma espécie de luz que difere por sua intensidade, conforme o grau de

perfeição adquirida. Quanto mais a alma progride, tanto mais luminosa é a sua cor.

“Quando todos fordes médiuns, podereis entreter-vos com os Espíritos, como já o fazemos; eles vos dirão que são mais felizes que nós. Eles nos vêem, nos escutam, assistem às nossas reuniões, conversam com nossa alma durante o sono, transportam-se e penetram por toda parte onde Deus os envia.”

Pauline Boulay

Nota – O princípio da reencarnação acha-se igualmente num manuscrito que nos foi enviado de Montreal (Canadá), e do qual falaremos em breve.

Cursos Públicos de Espiritismo em Lyon e Bordeaux

Aqui não se trata, como poderiam supor, de uma demonstração aprobativa da doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e algo enganador, pois aquele que, confiando no cartaz publicitário, lá fosse pensando assistir a lições de Espiritismo, ficaria muito desapontado. Os sermões estão longe de ter tido o resultado esperado; aliás, só se dirigem aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, excessivamente religiosa, ao passo que a tribuna de ensino permite atitudes mais livres, mais familiares; o orador eclesiástico faz abstração de sua condição de sacerdote: torna-se professor. Essa tática dará bons resultados? Só o futuro dirá.

O abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Petit-Collège uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *Verité*, em seu número de 10 de abril de 1864, analisa uma

sessão consagrada ao Espiritismo e destaca várias asserções do orador; promete manter os leitores informados da continuação, ao mesmo tempo que se encarrega de refutar o que, não temos dúvida, fará maravilhosamente, a julgar por seu começo. A conveniência e a moderação de que deu prova até hoje em sua polêmica nos são garantia de que não se apartará dessa linha, mesmo que o seu contraditor dela se afaste.

Enquanto o abade Barricand ficar no terreno da discussão dos princípios da doutrina, estará no seu direito; não podemos censurá-lo por não ser de nossa opinião, de dizer e tentar provar que tem razão. Gostaríamos que o clero em geral fosse tão partidário do livre-exame quanto nós mesmos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais e, sobretudo, os personalismos malévolos; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos dos que os defendem. Semelhantes meios são sempre provas de fraqueza e testemunham a pouca confiança nos argumentos tirados da própria coisa. São esses desvios da verdade que devem ser destacados no caso, mas dentro dos limites da conveniência e da urbanidade.

O *Vérité* assim resume uma parte da argumentação do abade Barricand:

“Quanto aos espíritas, que são muito mais numerosos, igualmente me esforço por provar que hoje descem do pedestal pretensioso sobre o qual o Sr. Allan Kardec os entronizava em 1862. Com efeito, em 1861 o Sr. Kardec realizava uma viagem por toda a França, viagem da qual complacientemente dava contas ao público. Oh! senhores, então tudo corria de vento em popa; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. Allan Kardec não faz mais viagens... nem relatórios enfáticos! É que,

provavelmente, constatou bom número de deserções e, para não desencorajar o que ainda possa restar de espíritas, por um estado pouco favorável, julgou prudente e correto abster-se. Perdão senhores, eu me engano: o Sr. Allan Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), dando-nos algumas informações gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Ele se guarda e com razão!... O Sr. Allan Kardec se contenta em anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente que nunca. Como provas de apoio, cita a criação de dois novos órgãos da escola, o *Ruche* de Bordeaux, e o *Vérité* de Lyon; sobretudo o *Vérité* que, como ele diz, veio *postar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica*. Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que o *Vérité* não é tão terrível quanto dizem.

“É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta afirmação: O *Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo tenha dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

O redator do *Vérité*, Sr. Edoux faz acompanhar esta citação da seguinte nota: “Ao sair do curso, tivemos breve entrevista com o abade Barricand que, aliás, nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção do *Vérité*, para lhe facilitar meios de falar à vontade.”

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz que seus confrades e se encontrará o que tantos outros buscaram inutilmente: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas,

para que tanto trabalho, desde que este está morrendo? Já que o abade Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, pois não será nem mais nem menos. Não temos nenhum interesse em dissuadi-lo. Apenas diremos que se não tem motivos mais sérios de convicção, que os que faz valer, suas razões não são muito concludentes e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo têm a mesma força, podemos dormir tranquilos.

Causa admiração que um homem sério tire conseqüências tão arriscadas do que teríamos feito na viagem que realizamos o ano passado e se intrometa em nossos atos particulares a ponto de supor as razões que nos teriam levado a empreendê-la. De uma suposição ele tira uma conseqüência absoluta, o que não é lógica rigorosa, porquanto, se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser. Direis que isto não é responder; mas não temos a menor intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja. O Espiritismo é uma questão humanitária, seu futuro está nas mãos de Deus e não depende deste ou daquele passo do homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, parece-nos que calcular o que existe no bolso de alguém que não deu o direito de examiná-lo, poderia passar por indiscrição; fazer disto o texto de uma informação pública é profanar a vida privada; *supor* o uso que alguém deva ter feito do que se *supõe* que ele possua, pode, conforme as circunstâncias, chegar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é proceder por suposições e insinuações. Com tal sistema, pode expor-se a receber desmentidos. Ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti tanto quanto quizerdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, está fora de questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria,

completa e conscienciosa do assunto de que se trata; se for contraditório, exige a lealdade argumentos pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas, é preciso opor provas mais preponderantes. É dar uma pobre idéia da força de seus próprios argumentos tentar lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de Teologia que, antes de tudo, deve procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, isto é, contra o Espiritismo, pelo reverendo padre Delaporte, professor da Faculdade de Teologia daquela cidade. O *Ruche* o anuncia nestes termos:

“Quarta-feira última, 13 do corrente, assistimos ao curso público de dogma, no qual o padre Delaporte tratava esta questão: *Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo*. Não tendo concluído ainda o ilustre professor, seguiremos com atenção suas lições e delas daremos conta com a imparcialidade e a moderação de que um espírita jamais deve abdicar.”

O *Sauveur des peuples*, em seus números de 17 e 24 de abril, relata as duas primeiras lições e faz a sua crítica cerrada, o que não deve deixar de causar alguns embaraços ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, altercando, nos dois pontos, com campeões que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra aquilo que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente e não temem se expor. Que sairá daí? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão para todo o mundo; os que não leram, quererão ler; os que não viram, quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele ainda não vêem senão mistificação, pois os sábios

teólogos o julgam assunto digno de séria discussão pública. Um terceiro resultado, enfim, será calar o temor do ridículo, que ainda retém muita gente. Quando uma coisa é discutida publicamente por homens de valor, pró e contra, não se tem mais receio de dela falar.

Da cátedra religiosa a discussão naturalmente passará para a cátedra científica e filosófica. Esta discussão, pela nata dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios, que não poderão resistir à evidência dos fatos.

Sem dúvida a idéa espírita está muito espalhada, embora, pode-se dizer, ainda como opinião individual. O que hoje se passa tende a lhe abrir espaço na opinião geral e, em pouco tempo, lhe assinalará um lugar oficial entre as crenças aceitas.

Aproveitamos com satisfação a oportunidade que nos é oferecida para dirigir felicitações e encorajamentos a todos os que, afrontando o medo, resolutamente chamam a si a causa do Espiritismo. Somos felizes por ver seu número crescer dia a dia. Que perseverem, e logo verão se multiplicarem os apoios; mas que se persuadam também de que a luta não terminou e que a guerra a céu aberto não é mais para temer. O inimigo mais perigoso é o que age na sombra, ocultando-se muitas vezes sob uma falsa máscara. Então diremos: Desconfiai das aparências; não julgueis os homens pelas palavras, mas pelos atos; temei, sobretudo, as armadilhas.

Variedades

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

Conforme nos disseram, os ruídos que tinham posto em alvoroço a cidade de Poitiers cessaram completamente, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas proezas para as cercanias. Eis o que, a respeito, se lê no *Pays*:

“Os Espíritos batedores de Poitiers começaram a fazer escola e povoam os campos vizinhos. Escrevem de Ville-au-Moine, a 24 de fevereiro, ao *Courrier de la Vienne* (não confundir com o *Journal de la Vienne*, especial para a casa de O.):

“Senhor redator,

“Desde alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores que espalham o terror em nossas aldeias. A casa do Sr. Perroche é seu ponto de encontro: todas as noites, entre onze horas e meia-noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas, marcadas por duas e uma, e às seis da manhã, pelo mesmo barulho.

“Notai, senhor, que esses golpes são dados à cabeceira de uma cama onde se deita uma mulher, semimorta de pavor, que garante receber as comunicações de um tio de seu marido, morto em nossa cidade há um mês. Como é difícil acreditar nestas coisas, eu e vários de meus amigos quisemos conhecer a verdade e, para isto, fomos dormir em Bois-de-Doeuil, onde testemunhamos os fatos que nos haviam assinalado; vimos até agitar, no sentido longitudinal, o berço de uma criança, que parecia não estar em contato com ninguém.

“A princípio rimos da coisa, mas vendo que todas as precauções tomadas para descobrir um estratagema nenhum resultado tinham dado, retiramo-nos com mais estupor que vontade de rir.

“Se o barulho continuar, a casa do Sr. Perroche não será suficientemente grande para receber os curiosos que, de Marsais, Priaire, Migre, Doeuil e mesmo de Villeneuve-la-Comtesse, vêm aos bandos para lá passar a noite e tentar descobrir as profundezas desse mistério.

“Aceitai, etc.”

Não faremos sobre tais acontecimentos senão uma curta reflexão. Ao relatá-los, o *Journal de la Vienne* tinha anunciado reiteradamente que estavam na pista do ou dos engraçadinhos que causavam aquelas perturbações, e que não tardariam a prendê-los. Se não o conseguiram, não podem acusar a autoridade de negligência. Como é possível, numa casa ocupada de alto a baixo por seus agentes, que esses engraçadinhos pudessem continuar suas manobras em sua presença, sem que lhes fosse possível apanhá-los? É preciso convir que eles tinham, ao mesmo tempo, muita audácia e muita habilidade, desde que se safaram da força policial sem serem vistos. Além disso, é preciso que esse bando de espertalhões seja muito numeroso, pois fazem as mesmas brincadeiras em diversas cidades e a anos de intervalo, sem jamais serem surpreendidos; que o digam os casos da Rue des Grès e da Rue des Noyers, em Paris; das Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e tantos outros, que também não chegaram a nenhum resultado. Como é que a polícia, que possui tão grandes recursos e despista os mais hábeis e os mais astutos malfeitores, não possa vencer a resistência de alguns barulhentos? Já refletiram sobre isto?

Aliás, esses fatos não são novos, como se pode ver pelo relato seguinte.

TASSO E SEU DUENDE

Escrevem-nos de São Petersburgo:

“Venerável mestre, tendo lido no primeiro número da *Revista Espírita* de 1864, o caso de um Espírito batedor do século dezesseis, lembrei-me de outro; talvez o julgueis digno de um pequeno lugar no vosso jornal. Tomo-o de uma notícia sobre a vida e o caráter de Tasso, escrita pelo Sr. Suard, secretário perpétuo da classe de língua e literatura francesas e inserido na tradução da *Jerusalém Libertada*, publicada em 1803.

“Após dizer que os sentimentos religiosos de Tasso, exaltados em consequência de sua disposição melancólica e das infelicidades resultantes, o levaram seriamente a convencer-se de que era objeto das perseguições de um diabrete que derrubava tudo em sua casa, roubava-lhe o dinheiro e tirava, de sobre a mesa e aos seus olhos, tudo quanto lhe era servido, acrescenta com o seu historiador: Eis a maneira pela qual o próprio Tasso lhe dá conta dessa perseguição:

“O irmão R... (comunica ele a um de seus amigos) trouxe-me duas cartas vossas, mas uma delas desapareceu assim que a li e creio que o duende a levou, tanto mais quanto era aquela em que faláveis dele. É um desses prodígios, dos quais tantas vezes fui testemunha no hospital, o que não permite duvidar que seja obra de algum mágico, e tenho muitas outras provas. Hoje mesmo retirou um pão de minha frente e noutra dia um prato de frutas.”

A seguir, queixa-se dos livros e papéis que lhe roubam e acrescenta: “Os que desapareceram enquanto eu não estava aqui, podem ter sido levados por homens que, penso, têm as chaves de todas as minhas caixetas, de sorte que nada mais tenho que possa proteger contra os atentados dos inimigos ou do diabo, a não ser a minha vontade, que jamais consentirá que algo me seja ensinado por ele ou seus sectários, nem a contrair familiaridade com ele ou seus magos.”

Em outra carta ele diz: “Tudo vai de mal a pior; esse diabo, que jamais me deixava, quer eu dormisse ou passeasse, vendo que não conseguia de mim o acordo que desejava, tomou o partido de roubar abertamente o meu dinheiro.”

“De outra vez, continuava o autor da notícia, julgou que a Virgem Maria lhe aparecia, e o abade Serassi conta que numa doença que teve na prisão, Tasso se recomendou com tanto ardor

à Santa Virgem, que esta lhe apareceu e o curou. Tasso consagrou esse milagre num soneto.

“Continuando, o duende transformou-se em demônio mais afável, com quem Tasso pretendia conversar mais familiarmente e que lhe ensinava coisas maravilhosas. Todavia, pouco satisfeito com esse estranho comércio, Tasso atribuía sua origem à imprudência que cometera na juventude, de compor um diálogo onde se imaginava a conversar com um Espírito. ‘O que não teria eu querido fazer seriamente, ainda quando me tivesse sido possível’, concluiu.

“O Sr. Suard termina o relato dizendo: Não se pode evitar uma triste reflexão, ao pensar que foi aos trinta anos, depois de haver escrito uma obra imortal, que o infeliz foi escolhido para dar o mais deplorável exemplo da fraqueza do espírito.

“Mas vós, senhor, graças à luz do Espiritismo, podeis fazer outro julgamento e ver nestes fatos, estou certo, mais um elo na cadeia dos fenômenos espíritas que ligam os tempos antigos à época atual.”

Sem a menor dúvida os fatos que hoje se passam, perfeitamente comprovados e explicados, provam que Tasso podia achar-se sob o império de uma dessas obsessões que diariamente testemunhamos, e que nada têm de sobrenatural. Se ele tivesse conhecido a verdadeira causa não se teria com ela impressionado mais do que se o é atualmente; mas, naquela época, a idéia do diabo, das feiticeiras e dos mágicos estava em toda a sua força, e como, longe de a combater, buscavam entretê-la, ela podia reagir de modo lamentável sobre os cérebros fracos. Assim, é mais provável que Tasso não fosse mais louco do que o são os obsedados em nossa sociedade hodierna, aos quais são necessários cuidados morais e não medicamentos.

INSTRUÇÃO DE CIRO A SEUS FILHOS, NO MOMENTO DA MORTE

(Extraído da *Ciropédia*, de *Xenofonte*, liv. VIII, cap. VII)

Eu vos conjuro, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, a ter respeito um pelo outro, caso conserveis algum desejo de me agradar, pois imagino que não considereis como certo que eu não seja mais nada quando tiver cessado de viver. Até agora minha alma ficou oculta aos vossos olhos; mas por suas operações, reconhecíeis que ela existia.

Não notastes também de que terrores são atormentados os homicidas pelas almas dos inocentes que fizeram morrer, e que vinganças elas tomam desses ímpios? Pensais que o culto que se presta aos mortos teria sido mantido até hoje, caso se acreditasse que suas almas fossem destituídas de todo poder? Para mim, meus filhos, jamais pude persuadir-me de que a alma, que vive enquanto está num corpo mortal, se extinga desde que dele saiu, pois vejo que é ela que vivifica os corpos destrutíveis, enquanto os habita. Também jamais me pude convencer de que ela perca sua faculdade de raciocinar no momento em que se separa de um corpo incapaz de pensar; é natural crer que a alma, então mais pura e despreendida da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem está morto, vêem-se as diferentes partes que o compunham, unir-se aos elementos a que pertenciam: só a alma escapa aos olhares, quer durante sua estada no corpo, quer quando o deixa.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que mais a alma se aproxima da Divindade e que, nesse estado, muitas vezes prevê o futuro, sem dúvida porque, então, está inteiramente livre.

Ora, se estas coisas são como penso, e se a alma sobrevive ao corpo que abandona, fazei, em respeito à minha, o que vos recomendo; se eu estiver errado, se a alma ficar com o

corpo e perecer com ele, ao menos temei os deuses, que não morrem, que tudo vêem, que podem tudo, que sustentam no Universo essa ordem imutável, inalterável, invariável, cuja magnificência e majestade estão acima de qualquer expressão.

Que esse temor vos preserve de toda ação, de todo pensamento que ofenda a piedade ou a justiça... Mas sinto que minha alma me abandona; sinto-o pelos sintomas que de ordinário anunciam a nossa dissolução.

Observação – Um espírita teria bem pouco a acrescentar a essas notáveis palavras, dignas de um filósofo cristão e onde se acham admiravelmente descritos os atributos especiais do corpo e da alma: o corpo material, destrutível, cujos elementos se dispersam, para unir-se aos elementos similares e que, durante a vida, só age por impulso do princípio inteligente; depois a alma, sobrevivendo ao corpo, conservando sua individualidade e gozando das maiores percepções quando desprendida da matéria; a liberdade da alma durante o sono; enfim, a ação da alma dos mortos sobre os vivos.

Além disso, pode ainda notar-se a distinção feita entre os deuses e a Divindade propriamente dita. Os deuses não passavam de Espíritos, em diferentes graus de elevação, encarregados de presidir, cada um em sua especialidade, a todas as coisas deste mundo, na ordem moral e na ordem material. Os deuses da pátria eram os Espíritos protetores da pátria, como os deuses lares o eram da família. Os deuses, ou Espíritos superiores, não se comunicavam aos homens senão por meio de Espíritos subalternos, chamados *demônios*. O vulgo não ia além disto; mas os filósofos e os iniciados reconheciam um Ser Supremo, criador e ordenador de todas as coisas.

Notas Bibliográficas

A GUERRA AO DIABO E AO INFERNO, *a inabilidade do diabo, o diabo convertido*; por Jean de la Veuze. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Bordeaux, Ferrel, livreiro. – Paris, Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor, partindo do ponto que o Espiritismo é uma concepção do diabo, visando atrair a si o maior número de almas, traça-lhe um rápido esboço, desde as primeiras manifestações da América até os nossos dias, mostrando que o diabo errou os cálculos, pois salva as almas que estavam perdidas e deixa escaparem, desastradamente, as que eram suas. Vendo isto, converteu-se, assim como parte de seus acólitos. É uma crítica espirituosa e alegre do papel que fazem o diabo representar nos últimos tempos, mas onde pensamentos sérios, profundos e de perfeita justeza ressaltam através de um tom jocoso.

Não temos a menor dúvida de que este pequeno livro será lido com prazer por muita gente.

CARTAS AOS IGNORANTES, *filosofia do bom-senso*; por V. Tournier. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Dentu, Palais-Royal.

O autor, espírita fervoroso e esclarecido, reproduz em versos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, conforme *O Livro dos Espíritos*. Nós o cumprimentamos sinceramente pela intenção que presidiu ao seu trabalho. Seja qual for a forma sob a qual se apresente a Doutrina, é sempre um indício de vulgarização da idéia e outras tantas sementes espalhadas que frutificam mais ou menos, segundo a forma de que se acham revestidas. O essencial é que o fundo seja exato, como é o caso.

Allan Kardec